

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 39
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 96 — Domingo, 10 de Abril de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e de comércio
Telefones 12
Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMÍNGUES

OBRA que prossegue

FIM de colaborar na obra, felizmente de há muito encetada, do progresso e desenvolvimento do nosso Ultramar que, principalmente se tem afirmado, de maneira tão eloquente, como edificadamente expressiva, no colono de Cela, partiram há dias para ali, a bordo do paquete Império, mais 112 colonos, na sua maioria de Freixo de Espada à Cinta, terra da naturalidade do sr. comandante Sarmiento Rodrigues.

O sr. Ministro do Ultramar esteve a bordo daquele paquete, a fim de se despedir daqueles novos obreiros do nosso desenvolvimento de Além-Mar.

A manifestação dispensada pelos colonos àquele membro do Governo, quando o mesmo deu entrada no salão da primeira classe onde todos estavam reunidos para saudar o Ministro, foi bem a afirmação inequívoca do espírito que acompanha e anima aqueles colonos dispostos, não há que ver, a servirem com o maior espírito de decisão e entusiasmo os princípios que informam o nosso colono, nas províncias de Além-Mar, colono que é, efectivamente, uma das grandes expressões da nossa acção de povo de decidida vocação ultramarina.

O que, com efeito, tem sido feito nos últimos anos, em matéria de colonatos,

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O AZEITE ALGARVIO SOFRE ANUALMENTE UMA DESVALORIZAÇÃO DE 9.000 CONTOS

DEVIDO À ACÇÃO NEFASTA DA MOSCA DA AZEITONA

Pelo Dr. A. DE SOUSA PONTES

COM este título, publicamos neste jornal, em Maio do ano findo, um estudo em que falámos dos prejuízos que a lavoura algarvia causava a *dacus oleae* ou mosca do mediterrâneo, dizendo que se, nalguns países, a perda em

azeite tinha sido da ordem dos 60%, a Espanha conseguira reduzir as suas perdas a apenas 5%, porque se encontrava em primeiro lugar na investigação e na aplicação dos métodos de combate àquela praga.

Para o Algarve avaliámos a média anual da perda de azeite em 30%, o que para as 3.000 toneladas médias anuais de azeite, conduzia ao prejuízo de cerca de 9.000 contos.

Terminámos as nossas considerações, esperando que as notas que então escrevemos fossem mais profundamente estudadas e divulgadas pelos agrónomos nossos comprovincianos.

Até agora, apenas o «Correio do Sul» publicou um estudo do agricultor, sr.

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

De vez em quando...

FESTAS de crianças

EU tenho em Vila Real de Santo António dois excelentes informadores, principalmente em matérias concernentes à escola: um é o «Notícias do Algarve»; o outro, o meu sobrinho, bulçoso garoto de oito anos, que a frequenta.

Falou-me o primeiro da recita infantil ali realizada com muita vivacidade, como é próprio de crianças; disse-me o segundo que gostou muito de ver representar os seus companheiros; gostaria também de ter entrado na função, e que, a seu ver, ponderada opinião de crítico, o melhor de todos foi o que fez de Santo António, não sei em que peça. Daqui lhe envio, alicerçado em tão criteriosa apreciação, os meus efusivos parabéns.

Disse-me também o meu sobrinho que no último dia de aula anterior às férias da Páscoa, ou num dos últimos, houve uma merenda comum para todos os me-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

SILHUETAS DO MEU TEMPO

O MAESTRO DAS BARBAS

Por FERNANDO MORAIS

EM tempos não muito distantes, quando a futebolite não gozava ainda, na vila pomboalina, dos foros de interesse quase exclusivo no âmbito cultural, existia aqui uma razoável filarmónica, de saudosa memória. Época houve, até, mais remota, em que chegámos a ter duas: as inevitáveis músicas «velha» e «nova», que pela sua rivalidade político-artística animavam sobremaneira a sornice provinciana do burgo, nas eras progressistas e regeneradoras da «outra Senhora».

Por cá passaram, a reger e a ensinar, batutas insignes e mesmo autênticos artistas na composição musical, entre os quais me ocorre mencionar os dois maiores: João Guerreiro da Costa Júnior, nosso comprovinciano, e João Pedro Mineiro, ambos sobejamente conhecidos por todo o Portugal melófilo, pelas inspiradas e valiosas produções que legaram, para banda, orquestra e até opereta lírica, o primeiro deles.

É justamente um de entre os bons mestres da nossa banda (a qual se finou, por falta de ar...),

URBANIZAÇÃO DAS CALDAS DE MONCHIQUE

POR decreto, foi autorizada a comissão administrativa do estabelecimento termal das Caldas de Monchique a celebrar contrato com o sr. arquitecto Miguel Simões Jacobetty Rosa para a elaboração do antepiano de urbanização das Caldas de Monchique, pela importância de 25.290\$.

que desejo agora trazer à lembrança, nesta «silhueta» evocativa, tendente a avivar esfumados tempos e figuras interessantes, hoje desaparecidas do nosso convívio, mas que vale a pena recordar.

Depois da reorganização da filarmónica, por alturas de

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

IMPRESSÕES DA ALEMANHA

A MANEIRA CURIOSA COMO UM PEQUENO FUNCIONÁRIO SE TEM CORRESPONDIDO

COM AS FIGURAS DE MAIOR RELEVO NO MUNDO

(Especial para «Notícias do Algarve»)

HANNOVER—Os carteiros que todas as manhãs levam o correio à casa do funcionário público Karl Hampel, num bairro da cidade de Hannover, admiram-se muitas vezes das cartas importantes que ele recebe.

Já os selos, às vezes exóticos e quase sempre de várias cores, bastariam para entusiasmar qualquer filatelista. As coroas e os carimbos, os nomes dos remetentes de chancelarias e secretarias indicam um con-

teúdo extraordinário. Hampel interessa-se pouco pelos selos ou pelos autógrafos de tão alto valor entre os colecionadores, e pretende apenas provar que

Por ERNST BORGEEST

qualquer simples mortal pode corresponder-se com soberanos, com primeiros ministros e outras figuras políticas de grande relevo, desde que saiba dirigir-lhes a palavra convenientemen-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



UM ANO NO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

FEZ, há dias, um ano que tomou posse do cargo de ministro das Obras Públicas o sr. eng. Eduardo Arantes e Oliveira.

Os seus colaboradores directos assinalaram o facto cumprimentando o seu chefe e testemunhando-lhe o seu apreço e a sua admiração, em termos já de todos conhecidos através da imprensa diária, que deu ao acontecimento o merecido relevo. De todo o País, recebeu também o sr. eng. Arantes e Oliveira testemunhos de quanto é apreciado pelos seus méritos e pela obra já realizada. A esses aplausos juntamos os nossos que, embora modestos, nem por isso deixam de ser calorosos e sentidos, e também a nossa gratidão pelo que o Algarve já deve à acção notável do ilustre membro do Governo.

OS PARADOXOS DA VIDA

Por NATÉRCIA ALGARVE

SE a vida fosse o que todos sonham, seria acaso o Ideal?! Analisemos, por isso, uma das suas facetas. Separava-os tantos e tantos quilómetros, que parecia incrível um dia, embora já a meio da vida, o Destino os procurasse unir. Mas, ambos souberam ser mais fortes do que aquilo a que chamam Amor. Embora ela ambicionasse da vida essa parcela a que cada um devia ter um direito definido, cortou cerce um quadro, de molde a ser luminoso e duradouro.

Ele, temperamento dócil, ardente, mas vacilante sempre no caminho da felicidade, que, por vários reveses sofridos, concluiu não ser

merecedor de a conhecer. E assim, por maneiras de ver opostas, embora os procurasse unir uma força oculta, continuaram ambos

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Eng. Sebastião Ramirez

ENCONTRA-SE a passar as férias da Páscoa, com sua esposa, na Quinta de Cima, em Cacela, o sr. eng. Sebastião Ramirez, ilustre deputado pelo Algarve e nosso prezado amigo e assinante.

PÁSCOA

Estremeceram o grito e o soluço
Que a Dor pôs no seio da Terra...
E o Universo doído, mau, convulso,
Aceitou a prova mística
Onde se encerra
O homérico pulsar duma agonia
Eucarística
Desfeita em sangue e luto, num só dia,
Sobre a Terra!

Para quê, recordar como isso foi,
Se é fero, se é cruel, se tanto dói!...

Mas, todos os planetas
E ainda os sóis,
As estevas e os cardos
E o rosmaninho,
Os melros, os rouxinóis,
As tulipas e os nardos,
Os insectos e os répteis, rastejando,
Deslizam pelo caminho
E, em silêncio, vão rezando,
Porque a terra já não chora,
Nem soluça...

A terra, meu amigo, é toda isto
Que se debruça nesta hora
Acesa num facho refulgente
A vir dos céus
Sobre esse Homem que foi Deus
E, simplesmente,
A Quem chamaram Jesus Cristo!

11 ABR. 1955

J. A.

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA NOSSA PROVÍNCIA

A POSSE DEFINITIVA do Algarve

Pelo Major SOUSA NUNES

EM 1252, um ano depois da guerra com D. Fernando, em que D. Afonso III não levou a melhor, e teve de dar-se por convencido de que o Algarve pertencia de direito a Leão, Castela, assinando uma trégua por quarenta anos, voltou este novamente a Cima-Coa, com o seu exército muito reforçado, não por motivo da posse do Algarve, mas por reajustamento de fronteiras, que, naquela região, estavam num caos.

O resultado foi acender-se outra vez a guerra, a meio da qual

D. Fernando caiu morto, em 1253, não por motivo de ferimento, mas de cansaço! Subindo ao trono seu filho, D. Afonso X, colocou-se à frente dos exércitos de seu pai e quis defrontar-se, pela segunda vez, com o conde de Bolonha, que lhe teria dito:

— Afastai-vos, senhor; vós já sabeis, de Abiul, o que é guerrear com um aluno, ou com um mestre, do grande rei da França, S. Luís! Deixemos as partilhas para nossos filhos, tão complicadas as vejo, porque tenho mais que fazer, e de maior urgência.

E baixando às terras de Serpa, atacou os mouros por aquela fronteira, tomando-lhes Aroche e Aracena e seus territórios, numa profundidade que os deixaram às portas de Niebla, onde vivia o antigo rei de Silves, Ibn Mafote.

D. Afonso X fez quanto pôde, pelas armas, para o desviar daquele caminho, que o poderia conduzir a Sevilha, empenhando-se em peles tão mortíferas, que Roma teve de intervir, com o fundamento de não consentir guerras entre cristãos.

E D. Afonso X, para levar D. Afonso III a fazer a vontade ao Santo Padre, apresentou uma proposta de paz muito vantajosa para nós. Apesar de não se tratar

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Dois Lampadários Artísticos

PARA O NOVO

ALTAR-MOR DA IGREJA

PELO distinto e consagrado escultor-cinzelador, mestre António Maria Ribeiro, com «atelier» no Porto, acaba de ser entregue ao rev. Prior Galhardo Palmeira, para a Igreja Paroquial desta freguesia, mais um conjunto de peças de arte sacra, destinado ao novo altar-mor daquele templo. Constituem-no dois magníficos lampadários de bronze primorosamente cinzelado, com 1,70 metros de altura e 60 quilos de peso cada um — para servirem com lamparinas de azeite e, simultaneamente, para electricidade, — e que deverão alumiar o SS.º Sacramento, ladeando a capela-mor e integrando-se no mesmo género harmónico com as peças anteriormente executadas pelo mesmo categorizado artista.

Com a ultimção desta encomenda de alto valor material e estético, formada por um riquíssimo conjunto de primores de arte e de técnica na cinzeladura, modelação e esmaltagem, como são o sacrário, banquetas, lampadários e sacras, fica o património artístico da nossa Igreja Matriz sobremaneira enriquecido, por conter agora um repositório de trabalhos que podem considerar-se únicos, no género, em todo o País, dada a finura de gosto na diversidade dos motivos ornamentais, que realmente honram o artista que superiormente os concebeu e lhes deu feliz realização.

Estão de parabéns, ademais do mestre Ribeiro, o nosso esforçado rev. Pároco e também a nossa vila, cuja valorização em todos os sectores vai sendo um facto de veras consolador.

CORONEL MELLO SAMPAIO

FOI promovido ao actual posto, pela última Ordem do Exército, o nosso ilustre comprovinciano, sr. coronel Manuel Vilhena de Mello Sampaio, oficial distintíssimo que desempenhava as funções de 2.º comandante do Regimento de Infantaria 4, em Faro, e que foi, agora, nomeado chefe do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 4, pelo que permanece naquela cidade. Apresentamos ao sr. coronel Mello Sampaio as nossas felicitações.

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se em Lisboa o nosso estimado amigo e assinante, sr. Matias Barroso Gomes Sanches, vice-presidente da Câmara Municipal desta vila.

Em gozo de férias, encontra-se em Lisboa, em casa de sua família, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Ricardo Lino Correia, gerente da Agência do Banco Nacional Ultramarino, nesta vila.

Com sua esposa e filhos, esteve nesta vila o nosso querido amigo sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto médico em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado assinante, sr. dr. Armando Celorico Drago, residente em Lisboa.

A passar as festividades da Páscoa com sua família, encontra-se nesta vila, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. Jacinto d'Assunção Pinto, chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Albufeira.

A passar as férias da Páscoa, encontra-se em Tavira, acompanhado de sua família, o sr. dr. Arnaldo dos Santos Lanza, meritíssimo Juiz de Direito em Loulé e nosso prezado assinante.

Esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Mário Garcia Ramirez, importante industrial e presidente do Grémio de Conservas de Sotavento do Algarve.

Foi a Lisboa o nosso prezado amigo e assinante, sr. Fernando Silvério Leiria.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o sr. José Vaz Bandeira, nosso prezado assinante em Lisboa.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Manuel Duarte Guerreiro, mecânico da firma Viegas & Lopes, Lda., de Setúbal.

Com sua mãe, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante, sr. João Marques Colaço, funcionário industrial, residente em Cuba.

Foi a Lisboa, com curta demora, o nosso prezado amigo e assinante, sr. José de Brito.

Com sua esposa, encontra-se nesta vila o nosso conterrâneo, sr. João Plácido da Silva Negrão, funcionário da C. P. em Lisboa.

Esteve em Lisboa, com pouca demora, acompanhada de sua filha Maria Emilia, a sr.ª D. Maria Emilia Ferreira Clemente, esposa do nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel Clemente.

Encontra-se em Lisboa, com sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel Oliveira Rosa Júnior.

De visita a seu filho Hugo, está em Lisboa a sr.ª D. Berta da Conceição Alves Ribeiro, esposa do nosso estimado amigo sr. Manuel Fernandes Ribeiro.

Com sua esposa, encontra-se entre nós o nosso conterrâneo, sr. Manuel Pinhol, residente em Lisboa.

A passar as férias da Páscoa, encontra-se em Coimbra a sr.ª D. Maria dos Anjos Neves, professora oficial nesta vila.

Encontra-se em Estoi, a passar as férias da Páscoa, a sr.ª D. Adeline Paula de Sousa, professora oficial nesta vila, acompanhada de sua sobrinha Maria do Carmo Mendes.

Foi a Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante, sr. Virgílio Antunes Lanza.

A passar as festividades da Páscoa com sua família, encontra-se nesta vila o sr. António Ramirez, nosso querido amigo e estimado assinante em Portimão.

Encontra-se no Convento da Serra d'Ossa, Redondo, a passar as festividades da Páscoa, com sua esposa, o sr. Gervásio Santos, nosso prezado amigo e assinante em Loulé.

Acompanhada de sua mãe, encontra-se nesta vila a sr.ª D. Maria Alice Franqueira Reis.

A passar as férias da Páscoa, encontra-se nesta vila o sr. Alvaro Campero Munhoz, nosso estimado amigo e assinante em Lisboa.

Encontra-se em Sevilha, aonde foi assistir às festividades da Semana Santa e feira, o nosso pre-

O QUE CONVÉM SABER SOBRE AS TINHAS

Dada a intensidade com que tem grassado nas escolas da nossa provincia, principalmente, esta contagiosa moléstia, julgamos oportuno divulgar algumas considerações da maior importância para a sua profilaxia.

SÃO doenças produzidas por várias espécies de fungos, e caracterizadas por afectarem os cabelos e outros pelos. Há dois tipos: a Tinha favosa e a Tinha tonsurante, com várias subdivisões, segundo a estirpe do fungo que as causa.

O tipo favosa não confere imunidade, mas é a menos contagiosa das duas tinhas, afectando, em geral, as

zado amigo sr. António Peres Correia, com sua esposa.

Regressou de Lisboa o nosso prezado assinante sr. José Joaquim Viegas, empregado do Café Império, que foi especializar-se na escola de tiradores de cerveja.

Encontram-se nesta vila, a passar as festividades da Páscoa com seus pais, os srs. eng. Joaquim José Capa Horta Correia, António Manuel Capa Horta Correia e José Eduardo Capa Horta Correia.

Encontra-se nesta vila, a passar as férias da Páscoa, o sr. Fernando Leonel Viegas A'lvares, aluno finalista da Faculdade de Medicina em Lisboa.

A passar as férias da Páscoa, encontram-se nesta vila os srs. Fernando Abecasis Marques, João Manuel Faisca, Rui Correia Pacheco, João Manuel Abecasis Correia, Eduardo Limon Cavaco, Raúl Pessanha Mateus, António João Ruivinho, Raúl Miguel Socorro Folque, Eduardo Pessanha Mateus, António Manuel Pinheiro Santana Silva, António Augusto Campinas, José Norberto Pereira Domingues e a menina Maria de Fátima Rodrigues Prazeres.

Encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Valentina Delgado Caraca Cipriano, esposa do nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Cipriano.

Seguiu para Lisboa, a fim de assistir ao casamento de sua filha Bertine, o nosso prezado amigo e assinante sr. José de Lima, acompanhado de sua esposa e filhos.

Encontra-se entre nós, acompanhado de sua esposa e filhas, o sr. Alberto de Sousa Oliveira, nosso conterrâneo e prezado assinante, residente em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa e cunhados, encontra-se nesta vila, a passar as festividades da Páscoa, o nosso prezado assinante sr. Delmonte Nolasco Fernandes de Vasconcelos, residente em Lisboa.

Para assistir ao casamento de sua amiga sr.ª D. Bertine Casimiro Lima, seguiu para Lisboa a sr.ª D. Maria de Lourdes Correia Pacheco.

Encontra-se em Lisboa, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas.

Com sua esposa, encontra-se nesta vila o sr. Afonso Tébar, nosso prezado assinante, residente em Setúbal.

De visita a sua família, encontra-se entre nós, a passar as festividades da Páscoa, o nosso querido amigo sr. Luís Andrade de Figueiredo, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde esteve com pouca demora, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Manuel Cabanas, residente no Barreiro.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. eng. M. D. M. Falconer.

A passar as festividades da Páscoa, encontra-se em casa de sua família, nesta vila, a sr.ª D. Luísa Solá da Cruz Ramos, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. João Francisco Ramos, escrivão do Tribunal Judicial, em Torres Vedras.

Nascimento

No Porto, onde reside, teve a sua «delivrance», dando à luz uma criança de sexo masculino, a sr.ª D. Maria Helena de Sousa Costa Barbosa, esposa do sr. eng. Filipe Barbosa, e filha do sr. dr. José de Sousa Costa, ilustre médico em Portimão e nosso prezado assinante. As nossas felicitações.

crianças da mesma familia, em contacto estreito, e não costumando originar epidemias escolares, pois que, por ser só transmissível de pessoa para pessoa, exige contacto prolongado. Produz lesões no couro cabeludo, na pele e nas unhas, com pústulas e crostas duras, que exalam um cheiro característico a rato, e dão lugar mais tarde a uma perda de cabelo definitiva, ficando o couro cabeludo com um aspecto típico, como de madeira corroida pelo caruncho.

A Tinha tonsurante é, pelo contrário, muito contagiosa, espalhando-se facilmente entre as crianças da mesma escola, especialmente pelas escovas, pentes, toalhas, chapéus, etc. Localizam-se as suas lesões, também, no couro cabeludo, pele e unhas. Assemelha-se a uma impingem, com uma mancha circular ligeiramente elevada nos bordos, cor de rosa pálida, com descamação no centro e comichão. Esta espécie, depois de curada, não deixa as marcas da favosa.

O modo de contrair a doença, em ambos os tipos, é sempre por contacto directo ou indirecto de pessoa para pessoa, ou através de objectos de uso, sendo estes últimos os meios mais correntes de transmissão.

A primeira medida profiláctica consiste, naturalmente, em isolar o doente. Para isso deverão os educadores e chefes de familia, assim que assinalem algum caso suspeito, participá-lo ao médico familiar ou à autoridade sanitária, para que eles possam tomar as disposições convenientes para a cura dos doentes e localização do foco epidémico. Só o clínico é competente para este efeito, sendo inútil e até perigoso fazer tratamentos caseiros ou esconder a doença, dando assim lugar à propagação.

Para se evitar esta doença, a mais eficaz medida de prevenção é observar-se, em todas as casas e escolas, a mais rigorosa hygiene individual, não devendo ninguém, sistematicamente, usar escovas, pentes, chapéus ou quaisquer objectos pertencentes a outrem.

Do estrito rigor com que se cumprirmos as ordens do médico sobre os cuidados a observar, depende a rapidez da cura das crianças afectadas e a rápida extinção de qualquer foco epidémico.

Falecimento

No dia 4 do corrente, faleceu nesta vila o sr. Domingos Rodrigues Colaço, de 47 anos, industrial de Alfaiataria, natural de Santa Ana de Cambas (Baixo-Alentejo) e aqui residente há muitos anos. O extinto era casado com a sr.ª D. Almerinda do Carmo Afonso Colaço, e pai das meninas Rita, Ana e Maria do Carmo Afonso Colaço.

O funeral, que esteve a cargo da «Agência Patrocínio», constituiu uma grande manifestação de pesar, pois o falecido era aqui muito estimado.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A distribuição de peixe fresco pelo País... De um artigo sobre pesca, da autoria do sr. dr. Bento Coelho da Rocha, publicado no «Diário da Manhã», extrairmos os seguintes períodos:

Há, porém, um problema grave ainda por resolver. Trata-se da distribuição deste peixe fresco pelo País. Necessita a sua solução da conjugação de dois factores: uma rede rápida e barata de transportes e outra de frigoríficos. A primeira encontra-se prejudicada pelo excesso de formalidades e de contribuições onerando a camionagem destinada a este fim.

Seja como for, impõe-se a criação de transportes económicos, para que o centro do País possa consumir peixe fresco a preços acessíveis.

A pesca do atum no Algarve... Foi publicado o relatório da Companhia de Pescarias Balense, pelo qual se verifica que os ganhos e perdas atingiram 1.220.166\$56 e os lucros líquidos 561.269\$03, tendo sido distribuídos divididos no montante de 504 contos.

Do citado relatório extraímos as seguintes passagens:

Pesca — Acentuou-se em maior volume a falta de pesca, relativa-

De vez em quando...

niños da escola, em que aqueles que podiam levar o que constitui o repasto. Muito bem, e daqui, embora longe, felicito os meus colegas que levaram ao fim tão meritórias tarefas.

As crianças merecem toda a nossa ternura e cuidado e trabalhar por elas não é só trabalhar para elas. As travess não preenchem todo o tecto mas são elas que o sustentam.

O teatro dá desembaraço e compreensão à criança, cria-lhe responsabilidades que ela assume e a que se tem de sujeitar: educa-a.

A renda une todos em volta da mesma mesa — e assim deva ser o mundo.

Flores de um mesmo ramo, passarinhos de um mesmo bando, gargalhadas de um mesmo coro. Alvorada de um dia que se deseja melhor.

E recordo (com que saudade o faço!) o tempo em que eu tinha a minha escola, sem preocupações de assinar o livro do ponto, e também organizava com os meus alunos as nossas festas. E a elas sempre associámos a pobreza, para que eles compreendessem, sentissem que os pobres por serem pobres não são réprobos, só condenados pelo nosso egoísmo, pela nossa maldade e pela nossa incompreensão.

E por um domingo de Páscoa, vão recuados quase trinta anos, fizemos a festa da Mãe. A ela consagramos por alguns momentos os nossos pensamentos, os carinhos dos nossos corações, enfim, tudo aquilo que permanentemente lhe devíamos consagrar.

E se me ponho a recordar... Agradecimentos ao «Notícias do Algarve», agradecimentos ao meu repórter minúsculo mas minucioso, e agradecimentos aos meus colegas por indirectamente remexerem em cinzas de onde se levantam labaredas que ainda iluminam.

Continuem. As crianças são casulos de onde desejamos que saiam homens e mulheres melhores, bem melhores do que nós somos.

Trindade e Lima

mente ao ano anterior, pelo que a temporada foi bastante fraca em receitas.

As condições meteorológicas desfavoráveis, bem como as águas negras, em larga extensão, por toda a costa de Tavira, e ainda a permanência das inúmeras artes de sacada junto às redes das nossas armadilhas, sem o menor respeito pelas áreas de pesca, devem ter contribuído em muito para o péssimo resultado que obtivemos.

Lançamento mais ao mar — Embora não tenhamos tido bons resultados no primeiro ano de experiência, estamos convencidos de que a temporada teria sido bem pior se os quadros das armadilhas tivessem sido lançados na sua antiga posição. Parece-nos, pois, indispensável continuar o lançamento no mesmo local do corrente ano.

Exportação de conservas nos últimos cinco anos... Eis os pesos das conservas exportadas, nos últimos cinco anos:

1950, 25.555 toneladas; 1951, 31.189 tonel.; 1952, 38.674 tonel.; 1953, 40.481 tonel. e 1954, 52.118 tonel. Verifica-se que o valor unitário médio (escudos) que em 1953 foi de 133,87, subiu o ano passado para 134,75, o que fica muito aquém de 1950, em que os valores ascenderam a 174,35.

Verifica-se também um aumento de produção muito apreciável, que subiu da média de 62,22, em 1950, para 126,90 no ano findo. Apesar deste aumento de produção, o valor da conserva aumentou também, o que é sintoma muito animador.

E parece-nos que quem mais fabricar este ano mais dinheiro ganhará. Tenha-se em conta que nos últimos três anos a população do mundo aumentou de 115 milhões de indivíduos. — J. B.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«OS NOSSOS FILHOS»

Acabamos de receber os números de Fevereiro e Março de «Os Nossos Filhos», que é, sem dúvida, uma publicação da máxima utilidade para os Pais e Educadores.

Nestes números agora recebidos, destacamos os artigos sobre Gramática, da prof.ª dr.ª Virgínia Gersão; os artigos sobre Desenho Infantil, do prof. Calvet de Magalhães, e os sugestivos artigos sobre o Parto sem Dor.

A Revista está organizando um Concurso de Fotografias de Crianças, pelo que todos os Pais têm agora a possibilidade de ver as fotos de seus filhos publicadas nesta interessante Revista.

A redacção de «Os Nossos Filhos» é na rua de Infantaria Dezasseis, 69-2.º — Lisboa.

«VISOR»

Está publicado o n.º 21, respeitante à segunda quinzena de Março, desta excelente revista de cinematografia e principal órgão do movimento cine-clubista português.

Como habitualmente, insere óptima colaboração, da qual destacamos o interessante artigo de Dudley Nicholas, «Definição do artista e do crítico». Traz largo noticiário a respeito do cine-clubismo nacional, referindo-se, também, à inauguração das actividades do Cine-Clube de Vila Real de Santo António, com a apresentação do filme «A sombra de um homem», precedido de um comentário de Roberto Nobre, alusivo ao acto.

«VIAGEM»

Recebemos o n.º 173, referente a Março, desta interessante revista de Turismo, Divulgação e Cultura, em colaboração com a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, de que é director e proprietário o brilhante jornalista Carlos de Ornelas.

Do sumário do presente número, destacamos a Ude à Primavera, de Cláudio Correia de Oliveira Guimarães, uma página evocativa do Cesário Verde, uma Breve história evocativa da corveta «Bartolomeu Dias», e um interessante conto da autoria de Antunes da Silva, além das secções habituais.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 27 de Março a 7 de Abril:

Table with columns for names and amounts. Includes Carmela (67.170\$00), Infante (50.800\$00), Flor do Guadiana (39.640\$00), etc.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 2 a 8 de Abril:

Table with columns for ship names, origins, and destinations. Includes ZÉ MANEL, TERCEIRENSE, PENERF, etc.

Saídos: GOLFINHO, Português, com o batelão «Paredo», com sal, para Lisboa.

PENERF, Francês, para Casablanca, com carga em trânsito. ZE MANEL, Português, para Lisboa, com minério. ASTRA, Panamenho, para Dublin, com minério.

TERCEIRENSE, Português, com sal, para os Açores. COSTEIRO e SÃO MACÁRIO, Portugueses, ambos para Lisboa, com minério.

CONCURSO FOTOGRÁFICO DE MOTIVOS ALGARVIOS

A CASA do Algarve informa que a entrega de trabalhos para este importante concurso termina, impreterivelmente, no dia 16 do corrente, inclusive, podendo o respectivo regulamento ser solicitado na secretaria da colectividade, rua Capelo, 5-2.º — Telefone 23240.

De entre vários prémios, gentilmente oferecidos por casas da especialidade, contam-se onze artísticas taças, oferta da Junta de Provincia e de todas as Comissões e Juntas de Turismo do Algarve, e uma moeda, em ouro, antiga, oferta do S. N. I.

A FAVOR DA CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

QUANDO da sua recente visita ao Algarve, o sr. dr. Veiga de Macedo, ilustre Subsecretário da Educação Nacional, apelo para os dirigentes dos estabelecimentos de ensino secundário, no sentido de darem o seu apoio efectivo à causa da Campanha Nacional de Educação de Adultos.

Nesse sentido, o Conselho Escolar da Escola Industrial e Commercial de Faro aprovou uma proposta do seu director, pela qual foi criada uma comissão de professores e alunos dos últimos anos, encarregada de orientar e coordenar vontades e energias em prol da Campanha.

A referida comissão deliberou abrir uma inscrição para pessoas de familia e das relações dos educandos, que tenham interesse em receber o ensino primário elementar em regime de Campanha, a qual vem sendo bem acolhida, graças ao entusiasmo e ao interesse com que os professores e alunos daquele estabelecimento de ensino vêm acarinhando a iniciativa do seu director.

Conta a comissão levar a efeito uma sessão de propaganda no ginásio da Escola, em data a fixar, para o que tem já o dedicado apoio do director do Distrito Escolar de Faro.

E' digno do melhor apreço esta iniciativa da Escola Industrial e Commercial de Faro, dado o alto significado da patriótica campanha contra o analfabetismo. Semelhantes atitudes contam com o incondicional apoio deste jornal.

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO) sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

«O erro fundamen-
tal está em isolar a
cinema das outras for-
mas de actividade ge-
ral, e sobretudo — esta-
dando-o — pretender ar-
rancá-lo às suas depen-
dências económicas.»
Léon Moussinac

SECÇÃO DE CINEMA

Orientação de VITORIANO ROSA

ESTATÍSTICAS

Filmes produzidos em 1954

	Produções nacionais	Co-produções	Total
Portugal	1	—	1
Espanha	48	8	56
França	53	47	100

Filmes estrangeiros estreados em Portugal em 1954

	Adultos	S/classificação	Crianças	Total
Estados Unidos da América	84	117	3	204
Itália	49	22	—	71
França (a)	32	6	—	38
Inglaterra	11	11	3	25
Alemanha	8	7	—	15
Espanha	3	8	1	12
México	6	5	—	11
Suécia	1	—	—	1
Brasil	1	—	—	1
Argentina	—	1	—	1
	195	177	7	379

a) Incluindo 4 co-produções.

A Importação de filmes da zona do dólar

A importação de filmes da zona do dólar custa ao País, em 1955, 600.000 dólares (a mesma verba de 1954), com a seguinte distribuição:

Empresas americanas	Dólares	
Metro	86.700	
RKO	44.000	
Fox	73.000	
Paramount	72.658	
Columbia	45.000	351.358
Empresas luso-americanas		
Sif	64.000	
Doper	47.250	
Sonoro	48.940	
Castelo Lopes	26.157	186.347
Empresas Nacionais		
Diversas	62.295	
Soma	600.000	

A INFLUÊNCIA DO MAU CINEMA

GRANDE maioria dos psicólogos e dos pedagogos contemporâneos é de parecer que o exemplo é um dos elementos de mais alto valor na formação cultural do homem, e, sobretudo, da criança, cujo espírito, ainda não suficientemente saturado pela luz da experiência, é facilmente influenciado pelo que observa à sua volta.

Este acertadíssimo critério não é, de resto, tão novo como se poderia supor, pois já Aristóteles e Séneca o defendiam, isto para nos referirmos apenas a duas das mais ilustres figuras da antiguidade grega e romana.

Quem lida com crianças sabe perfeitamente como é grande a força do exemplo, e também o sabem os pais e as mães inteligentes e que dispõem um pouco de espírito de observação! Pondo de parte os fenómenos da vida vegetativa, regidos por leis especiais, poder-se-ia dizer que a formação da consciência da criança está, sobretudo, pendente da imagem do que vê, do que ouve e do que compreende, na sua interpretação dos fenómenos que a circundam.

Um berro, um castigo indigno, uma cena grosseira ou uma crueldade podem ter indelével influência na formação do carácter duma criança. Imagine-se, pois, qual não será a natureza real desse carácter, se tiver sido formado num ambiente perverso, acumulando contínuas superposições corrosivas e dando por fim origem a tremendos recalculamentos e a pavorosos desequilíbrios morais.

Mas até os próprios adultos não conseguem imunidade absoluta para o grande poder de contágio que irradia do que se vê. Não é difícil perturbar um momento de tranquilidade espiritual com uma simples e sorrateira imagem operando como excitante dos instintos adormecidos. E são poucos os que conseguem resistir ao seu diabólico poder vulcânico, onde tanto se comprazem a paixão desenfreada e a desordem dos grandes abismos morais.

Compreende-se, portanto, como pode ser terrível a influência do mau cinema, se operar como elemento corrosivo da moral e como factor de perturbação da alma infantil.

Até, na melhor das hipóteses, o cinema vulgar, isto é, o que obedece apenas a razões de ordem comercial e não tem de se preocupar, portanto, (infelizmente) com problemas morais ou de cultura, até mesmo esse tem quase sempre influência deletéria no espírito das crianças, contribuindo para desenvolver ou para fazer desabrochar nelas tremendos complexos (de medo, de inquietação, de inferioridade, de crueldade, etc.) dificilmente curáveis e cuja influência se repercutirá pela vida fora, pois as raízes desse tremendo mal permanecem por vezes submersas nas grandes profundidades do subconsciente, regiões ainda demasiado estranhas para os vulgares mortais.

O superior interesse do indivíduo

normal e são exige, portanto, embora com sacrifício, talvez, (admitimos esta possível fraqueza do espírito) uma rigorosa selecção das películas cinematográficas, enquanto não se consegue que o cinema esteja unicamente dedicado à cultura e posto ao serviço do Bem.

E' claro que não é fácil fazer essa selecção, sendo, sobretudo, de temer os exageros, os extremismos dos que não se contentam com a virtude do meio termo. A acção repressiva também nem sempre tem a eficácia que seria de desejar, pois há sempre natural tendência para cobiçar o fruto proibido. O mais aconselhável seria a purificação dos costumes, a elevação geral da cultura a divulgação da arte e da ciência, que operam como elementos construtores da personalidade humana e não como seus corrosivos.

Enfim... o melhor seria que cada cidadão tivesse a cultura suficiente para repudiar de moto próprio os excessos que em nome da arte ou da ciência se possam praticar, e que tivesse à sua disposição bons filmes e bons cinemas. Filmes que instruissem, deleitassem e retemperassem, e cinemas confortáveis, a preços acessíveis.

CINE-FOZ

Este cinema apresenta-nos hoje um filme que, não sendo religioso, mostra a influência do Evangelho no homem moderno, O JUDAS, com António Vilar. Na representação da «última ceia», havia um Judas disposto a vender Jesus... e que aspirava a vestir a sua túnica. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Quinta-feira, um grandioso programa duplo.

A OESTE DE ZANZIBAR, com Anthony Steel, Sheila Sim e o português Orlando Martins. Um filme admirável e vibrante, filmado em técnico, no convívio das tribos primitivas, com os seus costumes e ritos selvagens.

BUCHA E ESTICA INSEPARÁVEIS, com Stan Laurel e Oliver Hardy. As atribulações de dois inseparáveis amigos.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Aos nossos assinantes

Informamos de que estão à cobrança os recibos referentes à 10.ª série, n.º 91 a 100 do nosso jornal, pelo que antecipadamente agradecemos aos nossos estimados assinantes o seu bom acolhimento.

A falta de pagamento ao cedente ou nas estações postais, dentro do respectivo prazo, implica a devolução dos recibos e, consequentemente, um agravamento de despesas que a situação da Pequena Imprensa não suporta.

Contamos, por isso, com o bom acolhimento de todos.

POSSE DEFINITIVA do Algarve

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

agora do Algarve, a proposta era, em resumo, esta:

O rei de Portugal, de quarenta e três anos de idade, casaria com a filha bastarda do rei de Castela, D. Beatriz de Guilhen, de sete anos! O senhorio do Algarve ficaria, desde já, para Portugal, mas Castela receber-lhe-ia as rendas, até que o primeiro filho varão do casal atingisse a idade dos sete anos!

D. Afonso III compreendeu que os castelhanos queriam trocar dele, mas aceitou as condições gostosamente. O casamento realizou-se em Chaves, no mês de Junho de 1253, e o próprio rei seu pai conduziu a infanta à igreja.

Ao retirar para Sevilha, estreitava as mãos de contente, com a partida feita ao espertalhão do conde de Bolonha. E mal chegou à sua corte, nomeou bispo para Silves a frei Roberto, fazendo-lhe várias doações de terras, em diferentes pontos do Algarve.

D. Afonso III, com a pequenina rainha, protestou energicamente de Lisboa, em Janeiro de 1254; suspendeu o envio das rendas para Sevilha, e convocou uma curia ou cortes em Leiria. Nestas cortes, as segundas que houve em Portugal, tomaram a primeira vez assento, ao lado do clero e da nobreza, delegados do povo.

E os braços da nação, que até aí eram só dois, ficaram sendo, daí em fora, três: clero, nobreza e povo. O braço dos maus, que se formara antes de haver clero e nobreza, conservou a sua independência e a posse das suas antigas imunidades.

Estas cortes decorreram em março, mas as escrituras ou actas só foram assinadas em maio, encontrando-se o rei em Bragança. Nelas figura o governador do Algarve, D. João de Aboim, alferes-mor do «Senhor Rei», que desempenhava então as funções de comandante-chefe de exército.

De D. João de Aboim, escreve o conde D. Pedro o seguinte: «Este João de Aboim, filho de Pedro Ouriques da Nóbrega e de D. Maria Viegas, foi muito bom, muito honrado e fez-se el-rei D. Afonso, padre de el-rei D. Dinis, rico-homem, e houve muitos vassallos.»

No ano imediato, 1255, D. Afonso X viu-se em grandes embaraços, numa guerra com Aragão e Navarra, com o filho D. Henrique revoltado. Mas essa guerra terminou em 1257, e quem pagou tudo foi o rei mouro Ibn Mafote, que ficou sem a sua cidade de Niebla e sem o resto dos seus estados de outrora, de aquém e de além Guadiana. Para o compensar, fez-lhe algumas concessões em Sevilha, em troca do Algarve, que lhe comprou segunda vez!

Nesse mesmo ano, vemos D. Afonso III doar ao chefe dos seus exércitos, D. João de Aboim, as ruínas de um lugar, não longe de Évora, com vastíssimos territórios, pelos muitos serviços que lhe prestara em Portugal, em França e em Espanha. No local dessas ruínas, levantou o contemporâneo uma vila, a que pôs o nome de Portel. Em 1261, concedeu-lhe licença para a guarnecer com um castelo e fortaleza, e em 1262 deu-lhe foros, um ano após o nascimento de D. Dinis.

Grandes recontros se deviam de ter dado nesses últimos dois anos, entre os exércitos dos dois soberanos, em territórios de Castela, para D. Afonso enviar a Portugal o homem da sua maior confiança e valimento, o grão-mestre da Ordem de Santiago, D. Paio Peres Correia, que desde 1242 se encontrava ao serviço daquela nação, e em guerra contra a sua Acompanhavam-no o grão-mestre da ordem dos Templários, D. Martin Nunes, e outros grandes de Espanha, a fim de acordarem com o rei de Portugal um tratado de paz duradouro e insofismável.

O acordo a que chegaram foi o seguinte: Castela cedia ao infante D. Dinis, filho dos reis de Portugal, o senhorio do Algarve, sem outro encargo além de auxiliar Castela e Leão, com cinquenta lanças, em tempo de guerra.

O instrumento desse tratado tem a data de 5 de Junho de 1264. Em 20 de Setembro do mesmo ano, foi assinada a convenção respectiva, que terminava por dizer:

«Como garantia desta prestação de serviço militar, ficavam em poder dos leoneses sete castelos do Algarve, à guarda dos seus cavaleiros, D. João de Aboim e D. Pedro Anes, o de Portel, que são pai e filho, e tinham exercido, até então, o governo do Algarve. No caso de el-rei não cumprir a prestação de auxílio de cinquenta lanças, aqueles cavaleiros deveriam entregar ao rei de Leão e Castela todos os rendimentos que, como usufrutuário do território, lhe tocavam, anteriormente à presente convenção.»

Em 1267, o rei de Castela estava, affríssimo com falta de dinheiro, para dar execução a uma cruzada com que se comprometera com o Papa, e sem saber aonde o



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)

LUSITANO, 1 - SILVES, 3

1.º TEMPO, 0-2

Campo: «Francisco Gomes Sorcoro».

Árbitro: Pinto Coelho, de Faro. Lusitano: Rodrigues; Gomes e Pescada; Natércio, Sanina e Raimundo; Almeida, Travassos, Modesto, Estêvão e Parra.

Silves: Inácio; Armando e Pargana; José Maria, Vicente e Fernando; Lourenço, Rui, Vieira, Domingos e Girão.

O encontro começou numa toada viva, com os locais a imporem o seu jogo energeticamente, dominando em todos os capítulos durante os trinta minutos iniciais.

Passado este período sem ter organizado um lance digno de nota, mas sem ter sofrido tentos, aproveitaram os visitantes a inferioridade numérica dos locais, pois Sanina recebia tratamento fora do campo, por ferimento resultante de um choque com Lourenço, para marcarem o seu primeiro gol, por intermédio de Rui, que aproveitou muito bem uma desinteligência da defesa contrária.

Depois deste gol, foi notória a quebra do Lusitano, coincidindo com a melhoria do antagonista, pelo que se registaram então mais lances de perigo na baliza do primeiro, que antes do intervalo tornou a sofrer novo gol, de grande penalidade, apontado por José Maria, depois de Gomes ter salvo a soco, já quase sobre o risco.

Se não podemos contestar a justiça do resultado, pois os golos resultaram de lances claros, indubitavelmente legais, ao menos lembramos que, até ao intervalo, os visitantes nada fizeram que justificasse vantagem no marcador, antes poderiam ter recolhido para descanso, na posição de vencidos, pois se assim não sucedeu foi porque encontraram o caminho facilitado.

No segundo tempo, já com os silveses actuando em plano confiante, reagiram os encarnados, mas um tanto atabalhoadamente, conseguindo ainda minorar a diferença, num lance algo confuso, em que não distinguimos perfeita-

mente o marcador, parecendo-nos ter sido Pescada o único jogador encarnado que nele tomou parte, para consentirem a seguir o tento da confirmação e que fixou o resultado, da autoria de Lourenço, que aproveitou o enfraquecimento do sector defensivo contrário, pelo ataque em massa a que a equipa se dispôs.

Com o vencedor encontrado, a partida enveredou pelo caminho da violência, sendo de registar alguns incidentes desagradáveis e completamente escusáveis, que, não tendo embora tomado grandes proporções, não deixaram, por isso, de consternar a maior parte do público assistente, por terem vindo contrariar os mais elementares preceitos da ética desportiva.

A arbitragem, com o senão de não ter a autoridade suficiente para evitar as cenas finais, portou-se regularmente.

J. C.

Outros resultados:

Lusitano-Silves	1-3
Despertar-S. Faro e Benfica	5-3
Moura-S. Domingos	2-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Silves	8	6	2	—	21	7
S. Domingos	8	5	1	2	25	10
Moura	8	4	1	3	16	9
Despertar	8	3	2	3	17	8
LUSITANO	8	2	1	5	19	5
S. F. Benfica	8	—	1	7	10	4

Jogos para domingo, 17:

S. FARO E BENFICA-LUSITANO
S. DOMINGOS - SILVES
MOURA - DESPERTAR

Visado pela Comissão de Censura

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprar, consultem sempre o TREZE — Car-taxo.

Novos assinantes

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. Hostílio Florival Caleça, José Vaz Bandeira, Manuel Pinhol e coronel Manuel Vilhena de Mello Sampayo.

Também por intermédio do nosso assinante sr. Manuel da Silva Rosa, inscrevemos como assinante do nosso jornal o sr. Luís Pessanha Rodrigues.

A todos, os nossos agradecimentos.

Assina! e propaga! «Notícias do Algarve»

ir buscar. D. Afonso III mandou carregar algumas azérolas do bom ouro e prata que enchiam os seus cofres, e enviou-os a Sevilha, por uma opulenta embaixada, que tinha por chefe seu filho e herdeiro, o infante D. Dinis, de seis anos de idade.

«Foi o infante com o acompanhamento, devido à sua grandeza, e, chegando a Sevilha, o receberam com grandes festas. El-rei, D. Afonso o regalou alguns dias e tratou com grande amor e respeito, a que o obrigavam não só o parentesco que com ele tinha, mas também as lindas partes do infante de gentileza e aviso, em que foi raro. Deu-lhe a Ordem de Cavalaria com grande solenidade, e, vindo ao particular da demissão das cinquenta lanças, ainda que se resolveu em o conceder, primeiro quis tomar o parecer dos grandes de sua corte. Dizem que não o vieram os senhores de Castela em se fazer aquele relevamento, e que D. Nuno Gonçalves de Lara, filho do conde D. Gonçalo, o contrariou publicamente, mas, não obstante este impedimento, se houve de efectuar.»

Em 16 de Novembro, foi entregue ao Governador do Algarve o seguinte documento: «...ordena D. Afonso X aos tenentes D. João de Aboim e D. Pedro Anes façam entrega ao rei de Portugal dos castelos do Algarve, que tinham ficado à sua guarda, desligando-se do compromisso, assim como ao rei de Portugal e aos seus sucessores, de quaisquer compromissos.»

E as vilas de Aroche e Aracena e outros lugares de que se apoderou, como garantia do Algarve, só muitos anos depois foram restituídos a Castela.

Bousa Nunes

«GALAS DE ISLA CRISTINA»

CONFORME tínhamos anunciado, realizou-se, no passado dia 2 de Abril, o espectáculo de revista «Galas de Isla Cristina», que agradou plenamente.

A revista, que nos apresentou, durante quase três horas e meia, todas as canções mais em voga em Espanha, foi um espectáculo cheio de cor e de alegria.

Todos os componentes do citado grupo artístico são amadores, que além de serem bons artistas são possuidores de boas vozes.

Muitos números da revista, apresentados pelo já conhecido e distinto director de Rádio Aiamonte, sr. Domingos Pereira Xavier, foram bisados com grande agrado do público.

Fez parte deste espectáculo a já conhecida bailarina Juanita Tabuenca, que bailou ainda com mais naturalidade do que nunca.

Todos os artistas são dignos de mencionarem-se, mas os que mais agradaram foram, além de Juanita Tabuenca, Isabelita Cárdenas, Fali Delgado, Mary Carmen Romero, Maruchy Garcia e o pequeno declamador Manolito Rios.

RÁPIDO DO ALGARVE

DURANTE a semana anterior,

— julgamos que pelo aumento do tráfego de passageiros na fronteira, por ocasião das festas da Semana Santa em Sevilha, o comboio semidirecto da Linha do Sul — vulgarmente denominada «Rápido do Algarve» — voltou a ter o seu término nesta vila, donde também partia, nos dias habituais.

Esperamos que não tarde a restabelecer-se, de forma permanente, o antigo percurso normal desta composição — Lisboa-Vila Real de Santo António e vice-versa — satisfazendo os interesses desta zona e a população, que unanimemente o deseja.

TIPOGRAFIA MODELO

DE VIRELIO CORREIA MONTEIRO TAVIRA

Confecção de todos os serviços gráficos para o Comércio e Indústria.

JORNAIS - RELATÓRIOS ESTATUTOS - LIVROS

Carimbos em todos os géneros e entregues com brevidade

No próprio interesse de V. Ex.ª, deverá consultar sempre os preços da TIPOGRAFIA MODELO

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga-Vila Real de Santo António

Câmara Municipal de Vila Real Sto. António

ANÚNCIO

Concurso público para execução das obras da «construção da Avenida da República-2.ª fase», em Vila Real de Santo António

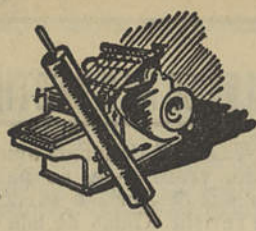
Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 10 de Maio do corrente ano, proceder-se-á, perante a Câmara Municipal deste Concelho, no edifício da sua sede, ao concurso público indicado em epígrafe.

Base de licitação 381.289\$00
Depósito provisório 9.532\$30

O processo do concurso encontra-se patente, durante as horas de expediente, na Secretaria Municipal, devendo o depósito ser efectuado mediante guia passada pela mesma Secretaria, em qualquer dia útil, até à véspera do concurso, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

Vila Real de Santo António, 7 de Abril de 1955.

O Presidente da Câmara,
Alonso Vasques



**BONS IMPRESSOS
E CARIMBOS**
NA —
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

A VERDADE, A PU- REZA E O BELO

Não devia ser pelo horror do erro que deveríamos ensinar a verdade — mas pela irresistível simpatia que esta nos merece. Do mesmo modo, devemos ensinar a pureza e o belo, não pelo horror do pecado e da fealdade, mas por amor da própria vida imaculada e da beleza pura. Para ensinarmos o bem, o belo, a pureza, importa que tenhamos essa trindade na medula dos ossos.

QUANDO MICHELET MORREU...

Quando Michelet morreu, o seu cadáver esteve exposto durante dois dias à luz, em caixão aberto, a uma janela da sua casa de Hyères, na costa mediterrânica. Dizia-se que, à imagem e semelhança de Goethe, também ele, à última hora, pedira luz, mais luz!

O estendal um tanto teatral desta exposição do cadáver à luz explicou-se, duas semanas depois da morte do escritor, com a publicação do seu testamento. E não foi Michelet quem determinara aquela exposição ao ar livre, foi sua mulher que a imaginara. Michelet, no temor de ser enterrado vivo, recomendara apenas que só o levassem para a sepultura depois de o corpo se encontrar em franca decomposição. E foi-lhe feita a vontade, porque o sol do Mediterrâneo se encarregou de apressar o desejo do escritor. Morreu-lhe o corpo, e bem morto. A alma, essa ficou intacta nos seus livros, e durará enquanto os homens souberem ler, ou enquanto não vier um cataclismo atômico que lamba todas as bibliotecas e todos os leitores da superfície do planeta.

A SUPERSTIÇÃO DOS NÚMEROS

Não faltam aí sábios atreitos a torcer o nariz a tudo que não se lhes apresente expresso em linguagem matemática. Fora do mundo da quantidade, tudo lhes parece vago, indefinido, indigno de um minuto de atenção. A qualidade, para esses espíritos — espíritos de géométrie, como lhes chamava Pascal —, não conta, a bem dizer.

A verdade, porém, é que nem tudo pode ser reduzido a diferenças de quantidade. Há uma infinidade de coisas rebeldes à mensuração, sem, por isso, deixarem de ser verdadeiras, e de profunda influência na vida. O inefável enche o mundo — e a matemática desliza por ele, sem que lhe seja possível prendê-lo nas suas malhas. O amor — desde o amor humano até ao amor de Deus, passando pelo amor das coisas de arte — zomba das demonstrações matemáticas.

Baldadamente os espíritos geométricos perguntam, em presença de um quadro, de uma estátua, de uma poesia, qu'est-ce que cela prouve?, como o fazia Arago (mas seria mesmo Arago?), depois de assistir à representação de certa peça de teatro. Nem tudo são teoremas que se demonstrem more geometrico. Ao homem com a superstição dos números poderíamos nós dizer, parodiando a personagem de Shakespeare: «Há mais coisas, no céu e na terra, do que tu julgas na tua matemática.»

GUERRA À VERDADE

Por cada pequena verdade que vem à tona, há e salva, mil outras são guilhotinadas logo à nascença, ou marcadas com o ferrete da infâmia. A rotina pesa toneladas, e não deixa que certas verdades «subversivas» lhe façam concorrência. Certos egoísmos ferozes torcem o pescoço a toda a verdade que possa cercear-lhes, de um milímetro, as comodidades em que se refocilam.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

TEM estado em exposição, na vitrina da Casa «Dyria», um quadro a óleo representando a «Segunda queda do Senhor», da autoria do artista-amador nosso conterrâneo, sr. Miguel de Sousa Cardoso. Este trabalho tem sido muito apreciado.

INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL D. FRANCISCO GOMES

Conta de gerência referente ao ano de 1954

RECEITA

Saldo da gerência de 1953	89.111\$50
Instituto de Assistência a Menores	171.866\$00
Governo Civil de Faro	48.000\$00
Junta de Província do Algarve	5.750\$00
Comissão Municipal de Assistência de Faro	10.000\$00
Câmara Municipal de Vila Real de Santo António	4.200\$00
Câmara Municipal de Loulé	2.000\$00
Câmara Municipal de Aljezur	300\$00
Câmara Municipal de Lagos	250\$00
Doativos em dinheiro	37.170\$70
Produto da quotização	59.285\$90
Produto de festas	17.390\$00
Juros da C. G. D.	799\$50
SOMA	446.121\$40

DESPESA

Vencimento do pessoal	58.500\$00
Aquisições de móveis	11.700\$70
Aquisição de roupas de cama	5.849\$70
Conservação de móveis	1.952\$00
Conservação de animais	5.516\$00
Conservação de prédios	6.960\$70
Impressos	120\$00
Expediente escolar	9.070\$60
Livros escolares	2.054\$80
Correios e Telégrafos	137\$00
Telefones	1.058\$40
Transportes de internados	1.650\$00
Renda de casa	5.770\$00
Seguro e Previdência	5.416\$80
Serviços clínicos	5.659\$60
Luz, aquecimento, água e limpeza	9.982\$80
Géneros e combustível	282.677\$50
Vestuário e calçado	58.754\$90
	446.711\$50
Saldo negativo	590\$10

A Direcção apresenta a todas as Digníssimas Autoridades e a todos os Benfeitores o seu mais reconhecido agradecimento pelo carinho e apoio que uma vez mais se dignaram dispensar, tão generosamente, a esta Instituição no decorrer do ano findo. Bem hajam!

Faro, 31 de Março de 1955.

A DIRECÇÃO

O AZEITE ALGARVIO SOFRE ANUALMENTE UMA DESVALORIZAÇÃO DE 9.000 CONTOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Xavier de Fonseca, que é também autor do folheto: «O novo processo de luta para destruir a mosca da oliveira». Continuamos a ler, entretanto, nos boletins da Junta Nacional do Azeite, de Lisboa, alguns estudos dando notícias sobre os trabalhos nacionais e internacionais sobre o assunto.

O «Noticias do Algarve» pertence a um concelho on-

CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Leccionação de Adultos em Regime de Campanha

PREVINEM-SE os agentes de ensino e quaisquer outras pessoas que estejam ou venham a leccionar adultos, em regime de Campanha, de que:

— Constitui condição imprescindível de habilitação às regalias previstas no artigo 118.º do Decreto n.º 38.969, de 27 de Outubro de 1952, a inscrição prévia, nos trinta dias imediatos ao início da leccionação, dos indivíduos apresentados a exame. De futuro, não será autorizado, em caso algum, o pagamento de gratificações ou o aumento de valorização a quem não houver cumprido esse preceito legal, qualquer que seja o motivo alegado para justificar a falta.

As inscrições efectuadas até esta data, quer na primeira fase da Campanha, terminada em 31 de Dezembro de 1954, quer já no decurso do ano de 1955, relativas aos indivíduos que estejam ainda a ser leccionados, têm de ser renovadas até ao dia 30 de Abril próximo, nos distritos do Continente e no do Funchal, e até ao dia 15 de Maio seguinte, nos distritos dos Açores. Expirado este prazo, considerar-se-ão caducas todas as inscrições que não houverem sido renovadas.

— Para efeito de novas inscrições ou renovação das já existentes, deverão os interessados dirigir-se às direcções dos distritos escolares ou às suas delegações e secretarias de zona, que lhes fornecerão, gratuitamente, os impressos adequados e prestarão todos os esclarecimentos necessários ao seu preenchimento.

A. S. Pontes

OS PARADOXOS DA VIDA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

a caminhar sonhando o irrealizável.

Não seria esta, afinal, a verdadeira felicidade?...

Quantas vezes se disfruta, de longe, uma paisagem magnífica, pitoresca, que nos deslumbra, mas ao aproximarmos perde grande parte do seu encanto? De longe, sim, é que era bela...

Na vida, acontece tantas vezes o mesmo...

Longe, bem longe é que a cor é forte e viva. Perto, esmorece, quase se apaga!

Quem consegue manter aceso o facho que ilumina uma enternecedora junção de sentimentos?!

E aqueles dois entes, depois de terem mesmo compreendido que da vida tinham um quinhão sobremaneira agradável para ambos, resolvem heroicamente não o compartilhar, para que nova desilusão não os viesse ferir.

Como é surpreendente o paradoxo da Vida!...

Noutra faceta em que ele, o homem, é sincero, capaz de todos os sacrifícios para demonstrar à mulher a quem adora toda a extensão do seu querer, chega a convencer-se da inutilidade dos seus esforços.

Essa mulher, por quem nutre tão ardente afecto, não crê que haja um homem, na actualidade, com tal sentir. Porque ela amou um dia um ser perverso e indigno, ficou descrente, incrédula, desconfiada.

E tiveram ambos, que o Destino também procurou congruar, de seguir, talvez erradamente, caminho paralelo mas separado.

Novo paradoxo surge na vida da mulher que, transformada em mãe, aumenta o valor da natalidade e revigora o sentimento maternal.

De tantos aspectos, que à luz verídica da razão poderia expor, um sobressai dominantemente:

Os eternos paradoxos da Vida...

Natércia Algarve

OBRA QUE PROSSEGUE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

em todo o nosso Ultramar, e principalmente em Angola, é uma obra do maior e mais extraordinário valor, que não teme nenhuma espécie de confronto com o que neste mesmo assunto tem sido feito por outros países.

E que, se em todos os tempos nós fomos mestres e exemplo em matéria de colonização, desde que soubermos dar maior incremento à obra e acção dos colonatos, essas nossas qualidades de povo difundidor da civilização cristã têm sabido ainda melhor, e com maior razão, fazerem jus ao unânime agradecimento.

De resto, do resultado dessa acção, fala bem brilhantemente a adesão que ela tem merecido às muitas centenas de portugueses, que correspondendo ao apelo do Governo, têm accorrido a constituir as populações desses colonatos, hoje já modeladamente instalados em muitos pontos do nosso Ultramar, em afirmação inequívoca, explícita e magnífica, das nossas nunca desmentidas qualidades de povo civilizador, de povo ultramarino que ao Mundo tem, desde sempre, sabido dar lições, e das melhores.

SILHUETAS DO MEU TEMPO

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

1930, em que tomou o nome de «1.º de Dezembro», o primeiro regente, que para cá veio contratado, chamava-se Américo e possuía umas fecundas barbas negras, junqueirianas, que tinham o condão de irritar o indígena. Era de estatura meã e usava gaforina romântica, laço à «lavallière», boina à biscaíña e pingalim suspenso da mão esquerda. O olhar, vivo, denotava inteligência, com lampejos de nostalgia sonhadora, de hiper-emotivo.

Como artista musical, era competente e sabedor, possuindo regular ilustração, se bem que de feição original e assomado, que lhe inspirava um vocabulário extra-académico, quando exasperado. Que o digam os ovidos da D. Joana — à data, pianista, no setexto do antigo teatro... Apesar disso, era facilmente perdoado, porque se tratava efectivamente duma criatura educada e de boa índole, devendo as suas impaciências ser levadas à conta duma neurastenia com raízes na trágica morte do seu único filho, havia pouco tempo.

Era eu, nessa ocasião, egresso recente da sotaína e, não obstante a diferença de idades, tornámo-nos amigos. Como também sou assás afeiçoado à música, assistia-lhe assiduamente aos pitorescos ensaios, na banda e na orquestra do cinema, que também dirigia. Ele, jocoso, tratava-me pelo «nosso bispo», e eu retribuía o chiste da indevida sagração episcopal, pagando-lhe a costumada ginjinha, no «Café Perico», à esquina do antigo jardim, onde mantínhamos animada conversa sobre matéria vária das suas digressões pelo mundo, ou versando temas de interesse comum.

Uma vez, que tinha ido visitá-lo, na companhia duns amigos forasteiros, para a amena cavaleira em que o maestro era espiritoso e atraente, fomos introduzidos na sala pelo seu hospedeiro, o Santos, do café do papagaio, que tinha o veso de aplicar diminutivos a tudo: — «Façam os amiguinhos o favorzinho de entrar aí na salinha...» Eis senão quando, ao penetrarmos, vamos deparar com o músico no traje paradisiaco integral, em que negrejavam as longas barbas, a emprestarem um quê de majestade ao Adão imprudensado, esbatendo um pouco do ridículo da cena. E ele, imperturbável, em ar de anfitrião acolhedor:

— «Entrem, amigos. Estava a escrever uma partitura, e como fazia calor, pus-me à fresca...»

Só os meus acompanhantes é que ficaram perplexos por aquela «indumentária» edénica, nada protocolar para receber visitantes... porque eu já lhe conhecia as baldas, e não me admirei de mais esta.

Contudo, o melhor episódio passado com este dilecto filho de Euterpe deu-se no último período da sua estadia em Vila Real. Encontrava-se, uma noite, a ensaiar o sexteto, quando o velho Lopo, violinista, se lembrou de perguntar-lhe:

— O sr. Américo, quando se delta, deixa as barbas de fora, ou dentro dos lençóis?

A resposta foi que não sabia, que ainda não tinha reparado em tal coisa; e o ensaio prosseguiu normalmente, com a «Orgia Mourisca», número em voga e de agrado certo. Todavia, a cândida pergunta do músico parece que levava dinamite com espoleta retardada, visto acontecer que, no dia seguinte, com espanto geral na vila, ninguém reconhecia, a não ser pelo vestuário, o nosso «mestre das barbas», pois as ditas tinham-se... eclipsado.

Fora em plena noite que se dera a tragédia. O desditoso maestro passou-a toda em branco, a meter e a tirar o piloso ornamento, seu orgulho, para dentro e para fora dos lençóis, alternadamente, sem conseguir acomodar-se, até que, de manhã, resolveu cortar aquele «nó górdio». Pediu a tesoura e uma gilette ao hospedeiro Santos, e terminou de vez com o problema, que se evidenciava insolúvel e obsidiante, como suplicio chinês.

Parece que, ao desaparecerem-lhe as barbas, perdeu também a característica imponente que lhe dava ascendente, e quem sabe se a própria vitalidade, porque em breve deixaria

esta terra para ir terminar os seus dias a Lisboa. Ali repousava o filho, que fora a malograda esperança deste pai extremoso, verdadeiro artista de apurada sensibilidade, sempre em busca de compreensão e simpatia humanas, que raro encontrou.

Era uma personalidade invulgar, ainda que frustrada, este mestre Américo das barbas, que me chamava «bispo» e era devoto fervoroso da ginjinha, que eu gostosamente lhe oferecia...

Fernando Morais

IMPRESSÕES da Alemanha

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

te. Karl Hampel tem mostrado grande astúcia nas suas tentativas de se corresponder com os grandes homens dos nossos dias.

Hampel envia cumprimentos por ocasião do aniversário natalício ou de qualquer data comemorativa, ou envia os seus pesames por qualquer cataclismo ou desastre. Deixa entever claramente que simpatiza com o regime político ou económico do país em questão. Até agora, quase todos os reis, príncipes, chefes de estado e demais dirigentes políticos reagiram positivamente. Alguns não só agradeceram afectuosamente, mas enviaram até mesmo as suas fotografias assinadas. Hampel verificou, aliás, que os estadistas ocidentais são muito mais acessíveis do que os de países além da cortina de ferro.

A lista de Hampel vai de Franco, Nagib, Churchill, Eisenhower, Malenkov, Tito e Perón, até aos soberanos da Bélgica e da Grécia. O imperador da Abissínia, Chang Kai Chek e o seu adversário Mao Tsé Tung foram vítimas do desejo de Hampel de se corresponder com as figuras em destaque. Este surpreendeu o presidente da República Federal da Alemanha, prof. Theodor Heuss, e o chanceler Adenauer com as suas cartas, não se esquecendo, aliás, dos dirigentes políticos da zona soviética, Grotewohl e Ulbricht. O estilo de Hampel é respeitoso e, ao mesmo tempo, muito pessoal, podendo os destinatários deprender da carta que recebem que Hampel lhes vota simpatia e admiração. Acresce ainda que Hampel escolhe o papel com o maior cuidado.

Karl Hampel é, de certo modo, um idealista, pois já gastou uma boa soma em selos e papel. No entanto, a sua colecção poderá vir a ter certo valor. Não se trata apenas de cartas, mas de assinaturas de punho próprio dos grandes estadistas e de fotos autografadas. Depois da morte dos estadistas, não devem faltar curiosos dispostos a adquirir a colecção ou parte dela. Por enquanto, ninguém pensa em transformá-la em dólares, e Hampel continua a procurar, nos jornais e nas revistas, os nomes de soberanos que ainda não receberam uma carta sua. Hampel é «revolucionário», pois cada mudança de governo, em qualquer país que seja, dá-lhe uma bela oportunidade de estabelecer novas relações epistolares.

Ernst Borgeest